

AUGUSTO LA FERE

LUGARES DE DESCANSO



LUGARES DE DESCANSO

AUGUSTO LA FERE

LUGARES DE DESCANSO

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2025

Créditos

Lugares de Descanso

© 2025 Augusto La Fere

Publicado por *Ars Verbi*TM

Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN: 978-65-988750-9-1

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:

- Atribua o crédito ao autor (Augusto La Fere);
- Não a utilize para fins comerciais;
- Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Dedicatória

A todos os que disseram “sim” uma vez só — e repetiram esse “sim” em silêncio, todos os dias, lavando louça, consertando coisas, esperando no portão, perdoando no tempo certo, cuidando da roupa do outro, dividindo o mesmo travesseiro, o mesmo medo, o mesmo pão, o mesmo gesto.

Este livro é para vocês, que se suportaram com amor. E, assim, ensinaram o que é amar com o corpo inteiro.

“O amor verdadeiro não faz barulho. Ele toma o lugar vazio, dobra a roupa do outro, guarda o pão na mesa e acende a luz antes do escuro.”

— Cecília Meireles

Sumário

Prefácio.....	1
1. A Casa do Banquinho.....	3
2. O Peso das Chaves.....	13
3. O Terço Desfeito.....	24
4. O Vaso de Barro.....	33
5. A Sopa da Terça-feira.....	40
6. O Lençol de Ferro.....	46
7. O Caderno de Palavras.....	52
8. O Sapato Molhado.....	59
9. A Rede no Muro.....	65
10. A Costura do Casaco.....	71
11. A Janela do Ônibus.....	78
12. O Círculo do Pão.....	85
13. A Terceira Xícara.....	91
14. O Fio da Tomada.....	97
15. O Lampião da Varanda.....	103
16. O Santo do Azulejo.....	109
17. A Cama de Campanha.....	115
18. O Lado da Colcha.....	121
19. A Receita do Riso.....	127
20. O Dia em que a Rua Jogou Bola.....	134
Posfácio.....	140

Prefácio

Escrevi este livro com a pressa de quem precisava parar. Cada conto nasceu de um gesto que me atravessou — simples, repetido, quase invisível — e me ensinou que o amor verdadeiro não tem espetáculo, só persistência.

“*Lugares de Descanso*” não fala sobre finais, mas sobre pausas. O intervalo entre um prato lavado e uma palavra dita, o tempo que alguém leva pra puxar o lençol ou colocar o pão na mesa. São histórias que não pedem leitura apressada, porque nasceram devagar.

O descanso que procuro aqui não é o da fuga, mas o da presença. É o lugar em que a vida desacelera o suficiente pra que o gesto se revele. Há quem encontre esse descanso na fé, quem o encontre na casa, no corpo do outro, ou na memória que persiste mesmo depois da ausência.

Talvez eu tenha escrito para lembrar que amar é construir abrigo. Que cada ato cotidiano — passar roupa, acender uma luz, costurar um casaco, guardar o pão — pode ser oração disfarçada.

Se, ao ler, você sentir vontade de respirar mais fundo, de olhar alguém com mais cuidado ou simplesmente de não ter pressa, então o livro cumpriu sua tarefa. Porque o amor, quando é inteiro, sempre oferece lugar.

1. A Casa do Banquinho

Alguns amores não falam — medem madeira. Cortam no avesso. Pregam sem ruído. Fazem lugar sem pedir nada em troca.

Há gestos que, de tão simples, se confundem com chão batido, com cheiro de café ou com poeira nas janelas. Mas são esses gestos que sustentam uma casa. São eles que esperam, que consertam, que ficam mesmo quando a gente vai.

O amor que constrói não precisa ser bonito. Precisa durar. E, se possível, virar descanso para mais alguém.

Ato I – Sobra de madeira

A primeira tábua sobrou do estrado da cama. Era um pedaço reto, firme, sem cupim nem rachadura. Ele não teve coragem de jogar fora. Encostou atrás do tanque, junto com outras sobras de um guarda-roupa desmontado, de uma estante que não coube na casa nova, de uma cadeira que tinha quebrado o encosto.

Ela viu o monte crescer. Não falou nada. Um dia, varrendo o quintal, perguntou se aquilo ia servir pra alguma coisa. Ele respondeu que sim. E não explicou.

Demorou mais de mês para a ideia virar gesto. Uma tarde, depois do almoço, ele riscou a madeira com lápis e esquadro, serrou devagar, lixou a borda. No domingo, foi até a venda e comprou um pacote de parafusos. Fez o assento primeiro. Depois, as pernas. Testou o peso com o próprio corpo. O banco não balançou. Era firme, embora sem graça. Ela achou bonito.

Na segunda-feira seguinte, ele fez outro. Usou pedaços menores, de cores diferentes.

Eram sobras de móveis distintos, mas ele fez caber. No sábado, já eram três. No domingo, quatro. A cada novo banco, o entulho diminuía. O quintal respirava.

Não houve conversa sobre o assunto. Mas ela passou a estender a roupa de modo que o varal não encobrisse a vista da fileira de bancos. E ele, quando terminava um, limpava com pano seco e deixava na sombra.

O quinto banco ficou menor. Servia para criança. Eles não tinham filhos. Mas deixaram ali mesmo, no corredor lateral da casa, do lado da goiabeira.

Na quarta-feira, uma vizinha parou para descansar. Sentou-se no banco da ponta. Disse que estava com a perna inchada. Ele respondeu que madeira boa aguenta peso. Ela sorriu. Na semana seguinte, outra senhora apareceu. Depois, um rapaz. Uma moça com bebê. Um entregador de gás. Um homem que não disse nada.

Quando deu por si, ele já tinha feito dez. Todos diferentes, mas do mesmo tamanho.

E todos colocados em roda, sob o pé de goiaba, com espaço entre eles. Ela passou a varrer o chão da roda. Ele, a lixar as quinas com mais cuidado.

Na quaresma daquele ano, os bancos já tinham nome. Não de batismo, mas de lembrança. “Esse foi feito com o estrado.” “Aquele era da cadeira da vó.” “O de lá tem perna de cama e encosto de armário.” Só os dois sabiam.

Um dia, ela perguntou se ele ia parar.

— Quando acabar a madeira — ele respondeu.

Ela não disse mais nada. Mas, de noite, abriu o armário velho da varanda e esvaziou o que restava de dentro.

Ato II – Gente sentada

Foi devagar. Primeiro, um por vez. Depois, dois. Aos domingos, três. Num sábado

de sol, tinha sete sentados, dois de pé e uma senhora com bengala esperando vez. Ele não soube o que dizer. Foi até os fundos, procurou um pedaço de peroba, cortou sem medir e pregou com pressa. Não ficou bonito, mas sustentava.

Ela passou a ferver água com erva-cidreira toda tarde. Colocava na garrafa térmica e deixava do lado da porta. Quem quisesse, se servia. Alguém trouxe bolacha uma vez. Outro, rosca de padaria. Quando chovia, os bancos ficavam vazios, mas nem por isso inúteis — serviam de apoio para bacia, para o cachorro dormir, para pendurar toalha.

Começaram a chegar pessoas de outras ruas. A senhora do bairro de cima trazia agulha de tricô. O rapaz do armazém se encostava depois do expediente. Uma jovem de blusa branca sentava sempre no mesmo canto, com o mesmo livro. Nunca falou. Mas sempre dobrava a página com o dedo.

Ninguém combinava nada. Não havia regra, nem convite. Era só chegar e sentar.

Certo dia, um moço apareceu com violão. Tocou uma música sem cantar. Ela reconheceu a melodia. Era a mesma que tocava no rádio quando eles se casaram. Ela não disse nada. Mas, à noite, procurou o CD antigo e deixou perto do aparelho. Ele, no dia seguinte, ligou o rádio mais alto que o normal. Só naquele momento, os dois entenderam que os bancos não eram mais deles.

Com o tempo, algumas coisas mudaram. O banco de criança ganhou braços. Dois bancos passaram a ser pintados com tinta vermelha. Uma tarde, alguém escreveu um versículo na lateral de um deles: “O que se assenta para descansar, aprende a esperar.” Ninguém apagou.

Eles não reclamavam. Ela passava a vassoura com mais cuidado. Ele limpava o barro das pernas de madeira. E, quando um banco quebrava, ele recolhia as peças, remendava, aparafusava por baixo. Um ou outro sumia — levavam embora. Mas ele nunca fazia escândalo. Só dizia:

— Foi fazer descanso noutro lugar.

As crianças chamavam de “casa do banquinho”. Um menino perguntou se era uma igreja. Ela respondeu que não. Ele completou:

— Mas pode sentar do mesmo jeito.

Na festa da padroeira, os bancos foram emprestados. Colocaram panos brancos sobre eles. Um casal idoso sentou de mãos dadas. Outro casal jovem, com um bebê no colo. Uma senhora de muletas. Um viúvo solitário. Uma adolescente com fone no ouvido. Um padre que tirou o chapéu. Uma menina com vestido florido.

Ela olhou para ele. E ele sabia: aquele era o momento certo para parar de fazer bancos. Já tinha o suficiente. Agora era hora de manter.

Ato III – A roda vazia

O primeiro banco a apodrecer foi o do canto. Tinha sido feito com madeira de guarda-

roupa, já meio carcomida desde o início. Ele tentou salvar — lixou, colou, pregou a perna de novo. Durou mais um mês. Depois, cedeu de vez. Ele não jogou fora. Encostou atrás da goiabeira. Era como aceitar a idade.

Ela disse que talvez fosse hora de cobrir todos com lona, para proteger da chuva. Ele respondeu que banco coberto não serve de descanso. Serve de enfeite. E enfeite, ali, não era preciso.

Vieram os meses de frio. A roda ficou vazia por dias inteiros. Às vezes, aparecia alguém só para ver se ainda estavam lá. Sentava por pouco tempo. Depois ia embora, sem pressa.

Um dia, a moça do livro voltou. Sentou por quase uma hora. Depois, levantou e deixou um bilhete embaixo do assento. Ninguém leu. Ficou ali até o vento levar.

Ela parou de fazer chá. Disse que a erva tinha acabado. Ele não respondeu. Mas, toda vez que varria o quintal, fazia questão de passar

entre os bancos, como quem revisa as tábuas de um barco ancorado.

Na manhã em que ela adoeceu, ele não varreu o quintal. Nem lixou a madeira. Sentou-se no banco que tinha sido feito com o estrado da cama. O primeiro. E ficou olhando para a roda vazia.

Foram três semanas de hospital. Ela voltou mais magra, mais pálida. Mas voltou. Na primeira tarde em casa, ouviu um barulho conhecido: o rangido da serra. Ele estava fazendo mais um banco. Usava restos do armário da varanda, aquele que ela esvaziou um ano antes.

— Achei que você tinha parado — ela disse.

Ele não olhou. Só respondeu:

— Ainda tem madeira.

Naquela noite, sentaram juntos, como nos primeiros dias. O banco novo ainda cheirava a cola. Ela encostou a cabeça no

ombro dele. E ele segurou a mão dela com firmeza, como quem segura uma alça em curva de estrada.

Na manhã seguinte, havia mais gente na roda.

E, no centro dos bancos, pela primeira vez, um vaso de flores.

Ninguém sabia quem colocou.

Mas ela entendeu. E ele também.

Foi assim que o amor virou lugar.

2. O Peso das Chaves

Alguns vínculos não fazem barulho. Nascem no mesmo corredor, no mesmo turno, na partilha muda de uma escada, de uma espera, de um silêncio entre um quarto e outro.

Amizade, às vezes, não precisa de história — basta um gesto que se repete. Uma garrafa cheia, uma chave guardada, um cuidado que não precisa ser dito.

O respeito é uma forma de amor que sabe a hora de ficar e a hora de não perguntar.

Ato I – O corredor de metal

A primeira vez que se viram foi no corredor do segundo andar. Não houve apresentação. Ele carregava uma maca vazia; ela empurrava um carrinho com lençóis. Passaram um pelo outro sem trocar palavra. O corredor era estreito, de piso encerado, com cheiro de desinfetante e feijão requentado. Hospital público.

Durante semanas, foi só isso: encontros de passagem. Um subindo, outro descendo. Um abrindo porta, outro esperando. Nenhum bom-dia, nenhum sorriso. Apenas acenos breves, movimentos de cabeça, gestos funcionais. Mas sempre o mesmo ritmo, a mesma hora, os mesmos dez metros entre o posto de enfermagem e a sala de medicação.

Ela notou primeiro que ele limpava os pés no tapete antes de entrar na ala. Mesmo quando vinha da ala limpa. Ele percebeu que ela carregava sempre um terço no bolso do avental, mas nunca mexia nele.

A primeira palavra foi num sábado. Chovia. O gerador tinha desligado o elevador. Subiram os três andares de escada juntos, ela com uma caixa de soro, ele com uma cadeira de rodas. No segundo andar, ela disse:

— Dá pra parar um pouco?

Ele encostou a cadeira na parede. Esperaram juntos em silêncio. Depois, continuaram. No fim da escada, ela agradeceu. Ele respondeu com um gesto de cabeça.

Na semana seguinte, ela esqueceu o crachá na sala de repouso. Ele pegou no armário e deixou pendurado na porta do refeitório. Não deixou bilhete. No outro dia, ela colocou um bombom sobre a maca vazia. Nada foi dito. A troca começou assim: um gesto pequeno, sem nome.

O chefe da ala noturna adoeceu. Precisavam de alguém para revezar as chaves dos armários e da farmácia. Ele foi chamado. Ela já fazia isso de vez em quando. Dividiram o molho de chaves. Eram doze — uma para cada

porta do segundo andar, mais a da capela, a do depósito e a do banheiro dos funcionários.

Durante meses, as chaves passaram de um bolso a outro como um segredo. Às vezes num envelope, às vezes numa sacola com pão, às vezes direto na mão. Nunca ao mesmo tempo, nunca no mesmo lugar. Mas sempre com exatidão.

Nunca se atrasaram.

Nunca perderam nenhuma.

Nunca deixaram ninguém esperando.

Quando o segurança reclamou que a chave da enfermaria estava emperrando, ele lixou a borda com lima fina. Ela comprou um chaveiro novo — de couro escuro, sem desenho. Ele aceitou.

Naquele andar, pouca gente sabia o nome de ambos. Mas todos sabiam que as chaves circulavam entre eles. Um passava, o outro guardava. Um trancava, o outro

destrancava. Não havia ordem escrita. Mas nunca falhou.

Foi nessa repetição que nasceu o respeito.

Ato II – A garrafa sobre a mesa

O inverno chegou pesado naquele ano. O ar-condicionado da ala não vencía a friagem da madrugada. Ele passou a levar uma garrafa térmica com café preto, sem açúcar. Deixava no posto de enfermagem, ao lado do livro de registros. Quem quisesse, tomava.

Na segunda semana, ela passou a deixar dois copos de plástico em cima da bancada, junto da garrafa. Ninguém combinou nada. Era só isso: ele deixava o café, ela deixava os copos.

Certa vez, ela esqueceu os copos. Ele dobrou dois guardanapos ao meio e colocou do lado da garrafa. Quando ela chegou para o turno da noite, entendeu o recado. No outro dia, trouxe um pacote novo.

Os colegas começaram a perceber. Uma auxiliar perguntou se eles eram parentes. Um estagiário achava que eram casados. Mas ninguém ousava perguntar diretamente. O que havia entre eles não era visível — mas estava ali. No silêncio exato do gesto repetido.

Um dia, um paciente agitado puxou as chaves do bolso dele e jogou no chão. As doze chaves se espalharam no corredor. Ele abaixou, juntou uma por uma. Quando terminou, ela estava parada do outro lado, de cócoras, segurando três. Entregou sem falar nada. Ele assentiu. No fim do plantão, ela comprou um chaveiro com presilha de segurança. Entregou num saquinho, sem nome.

No mês seguinte, ela pegou uma infecção leve e ficou cinco dias afastada. Ele não foi avisado — soube porque a garrafa ficou cheia, intacta, três noites seguidas. Na quarta noite, levou uma garrafa menor. Na quinta, não levou nenhuma.

Na sexta, ela voltou. Estava mais pálida, com a voz rouca. No posto, encontrou a garrafa limpa, com um papel preso por elástico:

“Melhor deixar descansar uns dias.”

Ela sorriu sem mostrar os dentes.

No turno seguinte, encheu a garrafa com chá de gengibre.

Nenhum dos dois tocava no assunto. Nem sobre o chá, nem sobre a ausência, nem sobre a troca. O que havia entre eles era o que se repetia, não o que se explicava.

No fim do mês, o hospital trocou o sistema de trancas. Instalaram fechaduras eletrônicas com cartão magnético. As doze chaves foram recolhidas e arquivadas. A chefe da enfermagem agradeceu. Disse que seria mais moderno. Mais seguro. Mais eficiente.

Naquela noite, ele chegou para o plantão, abriu o armário e viu o molho de chaves dentro de uma caixa de papelão. Tirou

uma — a da capela — e girou nos dedos. Não abriu porta nenhuma. Mas ainda pesava igual.

Quando ela entrou no plantão, encontrou a garrafa cheia. E um só copo do lado.

Ato III – O molho de volta

As portas agora se abriam com cartão. Nenhum som metálico, nenhum giro de fechadura. As luzes se acendiam sozinhas, o sistema marcava hora e entrada, o computador dizia quem esteve em qual sala. Era mais seguro. Mais rápido. Mas não mais certo.

Uma noite, faltou energia. O gerador demorou a ligar. As trancas travaram. Uma paciente precisou ser transferida para o oxigênio da outra ala. A porta da farmácia não abriu. A da sala de emergência também não.

Foi ele quem se lembrou. Correu até o almoxarifado, procurou a caixa de papelão, pegou o molho. As chaves estavam lá, frias, mas

no lugar. Em segundos, destrancou as três portas. E esperou ali, junto com o técnico, até a luz voltar. Quando voltou, devolveu o molho à caixa e não disse nada.

No dia seguinte, ela tirou cópia da chave da capela. Guardou no bolso do avental. Disse que era por precaução. Ele entendeu.

Aos poucos, as chaves antigas voltaram a aparecer. Uma no bolso de um técnico, outra na prateleira do refeitório. Uma terceira no quadro de avisos. Não por necessidade, mas por respeito.

Eles já não faziam todos os plantões juntos. Às vezes se desencontravam. Mas a garrafa continuava aparecendo, cheia. E dois copos ao lado. Nem sempre usados, mas sempre ali.

Certo sábado, ele chegou mais tarde. Quando passou pela sala de medicação, viu o molho de chaves pendurado na parede, com uma etiqueta nova:

“Uso eventual - Devolver após plantão.”

Sorriu sem abrir a boca. Pegou uma chave qualquer, girou entre os dedos, colocou de volta.

Na última semana de dezembro, ela trouxe um presente: um chaveiro novo, de metal envelhecido. No centro, a imagem de São Pedro, com duas chaves cruzadas.

— É só um símbolo — disse ela.

— Mas abre coisa? — ele perguntou.

— Abre o que precisa.

Ele guardou no bolso do peito.

Na noite da virada do ano, o hospital estava em silêncio. Ela passou na ala só para conferir os termômetros. Encontrou a garrafa cheia. E um bilhete escrito à mão, sem nome:

“Às vezes, a gente só precisa saber a quem entregar a chave.”

Ela não respondeu. Apenas deixou o bombom de sempre, como no início.

E girou, com firmeza, a maçaneta da porta que não estava trancada. A porta do carinho sempre tem chaves.

3. O Terço Desfeito

Entre irmãos, o tempo não apaga — só desfia.

Às vezes, um fio se parte. E os dedos deixam de tocar as mesmas contas. Mas a oração continua lá, presa na memória, no susto de uma ausência, no gesto de quem volta.

É assim entre quem foi criado junto: pode esquecer o som, mas não o nó.

E o amor — mesmo que desfeito — pede sempre para ser costurado.

Ato I – O rosário na gaveta

Teresa e Lia nasceram com um ano de diferença. Cresceram no mesmo quarto, com duas camas encostadas na parede e um criado-mudo no meio. Na gaveta, um rosário antigo — de contas de madeira escurecida, com a cruz gasta pelo toque dos dedos. Era da avó. E, depois que ela morreu, foi delas.

Rezar o terço à noite era parte da rotina, mas não por imposição. A avó ensinara que rezar juntas firmava o coração. E as duas acreditaram nisso. Revezavam a cruz, contavam as contas, dividiam o silêncio entre as dezenas. Quando erravam, corrigiam baixinho. Quando dormiam antes, pediam desculpa no dia seguinte.

A devoção não era cheia de palavras — era fiel. Mesmo na adolescência, quando a vida começou a puxar cada uma para um lado, ainda se ajoelhavam juntas às oito da noite. A janela fechada, a luz apagada, o terço entre as mãos.

Mas o mundo entrou pelas frestas. Teresa ficou mais quieta, Lia mais inquieta. Vieram as provas, os desencontros, os namoros mal resolvidos. Teresa passou a rezar sozinha. Lia dizia que estava cansada. Depois, que não fazia mais sentido.

Uma noite, Teresa encontrou o rosário fora da gaveta, com o fio rompido. As contas estavam espalhadas na mesa. Lia não explicou. Teresa não perguntou. Recolheu tudo com cuidado, colocou numa caixinha e guardou na última prateleira do armário.

Não voltaram a rezar juntas.

O tempo passou. Teresa permaneceu na cidade. Lia foi embora, primeiro para estudar, depois para trabalhar. Vieram cartas esparsas, depois mensagens, depois quase nada.

Anos depois, Teresa se casou. Cuidou. Esperou. Enterrou o marido jovem. Não reclamou. Lia não apareceu no velório.

Quando voltou, foi sem aviso. Uma mochila nas costas e os olhos fundos. Disse apenas:

— Preciso ficar uns dias.

Teresa ofereceu o mesmo quarto. A mesma cama. O mesmo criado-mudo.

Na segunda noite, já depois das dez, Teresa passou pelo corredor. A porta estava entreaberta. Viu Lia sentada, sozinha, com uma caixa aberta no colo. Na cama, as contas de madeira. Separadas. Mas ali.

Teresa não entrou. Não disse nada. Mas, naquela noite, voltou a fechar a janela do quarto. E deixou a luz apagada.

Ato II – Uma conta por dia

Na manhã seguinte, Lia arrumou a mesa do café antes que Teresa acordasse. Não falou muito, mas preparou o pão do jeito que a

irmã gostava: com manteiga dos dois lados. Teresa notou. Mas não comentou.

À tarde, a caixa do rosário reapareceu — desta vez sobre a escrivaninha. Dentro, as contas estavam enfileiradas, não costuradas, só alinhadas sobre um pano branco. O fio ainda não estava pronto. Mas havia ordem.

No terceiro dia, Teresa chegou do trabalho e viu um novelo sobre a mesa. Lia estava sentada na varanda, puxando devagar o cordão de algodão. Não fazia perguntas. Apenas testava a espessura, enrolava, desfazia. Teresa passou por ela e disse, em voz neutra:

— Tem linha mais firme na gaveta da cozinha.

Lia assentiu com um movimento leve.

Nada mais.

Aos poucos, cada conta voltou ao lugar. Primeiro as grandes. Depois, as pequenas. À noite, Lia deixava a caixa fechada sobre o

criado-mudo. Não chamava ninguém para rezar. Mas dormia com o terço por perto.

Certa madrugada, Teresa acordou com barulho de cadeira arrastando. Levantou devagar. Encontrou Lia ajoelhada aos pés da cama. O terço ainda estava incompleto — sem a cruz. Mas as mãos dela passavam pelas contas como se nada faltasse. Murmurava as orações com voz baixa, ritmada, exata.

Teresa encostou na porta, não para espiar, mas para escutar. Fechou os olhos. Rezou junto, do lado de fora. Sem palavras.

No domingo seguinte, foram juntas à missa. Sentaram-se no fundo, como faziam na infância. Quando o padre anunciou a hora do ofertório, Lia abriu a bolsa e entregou algo na cesta: era a caixa. Sem papel, sem bilhete. Só o terço, ainda sem cruz.

Na volta para casa, Teresa não perguntou nada. Mas, ao entrarem, encontrou sobre a cama dela uma sacola pequena, com laço. Dentro, um crucifixo de madeira clara. Novo. Simples.

Ela não procurou saber onde Lia tinha comprado. Só abriu a caixa, passou a cruz pelo fio e deu dois nós firmes.

Depois disso, na noite seguinte, Teresa ajoelhou primeiro. Lia se juntou logo depois. Nenhuma precisou convidar a outra.

E a oração voltou a acontecer.

Ato III – O nó da última conta

Não rezavam todas as noites. Mas quando rezavam, era sempre juntas. Sem cerimônia, sem anúncio. Teresa colocava o terço no meio da cama. Lia se sentava e pegava a cruz. A irmã puxava as contas. O resto acontecia sozinho — como quem retoma uma música antiga, da qual ainda sabe a melodia.

Com o tempo, a voz das duas foi ficando mais parecida. Não na altura — Teresa continuava firme, Lia ainda tinha hesitações —

mas no compasso. Cada uma esperava a outra. E isso bastava.

Às vezes, uma delas errava uma palavra. A outra não corrigia. Seguiam. E terminavam com o mesmo suspiro.

O terço, agora restaurado, ganhara mais do que um fio novo. Ganhara marcas: o nó torto da segunda dezena, a conta colada perto da cruz, o cordão com uma leve curva no meio. Nenhuma das duas tentou esconder esses detalhes. Era assim que o terço existia. Remendado, firme, inteiro — do jeito que tinha voltado a ser.

Numa sexta-feira, Teresa recebeu uma carta. Era uma proposta de trabalho em outra cidade. Nada definitivo. Um convite. Lia ajudou a abrir. Leu junto, sentada na beira da cama. Depois, ficou em silêncio.

Naquela noite, não rezaram. Teresa foi dormir mais cedo. Lia ficou na varanda até tarde. Mas o terço permaneceu sobre o travesseiro.

No dia seguinte, Teresa colocou a carta dentro da gaveta, embaixo do terço. Disse apenas:

— Posso ir depois.

Lia assentiu, com os olhos molhados. Mas não disse nada.

No domingo, rezaram com mais vagar. Entre uma conta e outra, havia pequenos silêncios. Como se cada uma confirmasse que, mesmo que um dia a oração voltasse a se calar, o fio não se romperia mais.

Ao final, Teresa puxou o cordão devagar e percebeu que o nó da última conta estava frouxo. Pôs no colo e tentou apertar. Lia tomou das mãos dela, sem pedir, e deu o nó com firmeza.

Disse apenas:

— Agora fica.

O terço não era novo — mas voltaram a rezar como se fosse.

4. O Vaso de Barro

Um dia, alguém se lembra de você — não por causa de um gesto enorme, mas por uma flor na porta, um vaso com nome escrito a lápis, um cuidado que ficou no chão, crescendo.

O amor pastoral tem essa forma: planta onde ninguém pediu, rega no tempo certo, e nunca diz que foi ele quem cuidou.

Ato I – Flor com nome

Padre Estevão já tinha idade para ser chamado de “seu padre” mesmo pelos mais velhos. Caminhava devagar, de batina gasta, sandálias de couro antigo e uma pequena espátula de jardineiro no bolso esquerdo. Tinha mãos grandes e unhas limpas. E uma memória que raramente esquecia um nome.

A paróquia era modesta. Capela branca, chão de cimento, bancos de madeira lixados à mão. Em frente, um pequeno pátio de terra batida, que servia para tudo: encontro de catequese, ensaio de crisma, fila de doação. Havia um canteiro na lateral — pequeno, mal delimitado — onde às vezes nascia alguma coisa sem querer.

Foi ali que ele começou. Um dia, uma catequista entregou-lhe uma muda de alecrim, como presente de aniversário. Padre Estevão agradeceu, plantou num canto do canteiro e escreveu “Ana” numa plaquinha de madeira, com caneta azul. Ninguém entendeu. Mas ele explicou, sorrindo:

— Foi ela quem trouxe. A planta lembra.

Depois disso, virou hábito. Cada flor, muda ou ramo que alguém doava, ele plantava. Mas não de qualquer jeito. Escolhia um lugar, preparava a terra, e escrevia o nome do doador numa plaquinha pequena, com caligrafia lenta. Às vezes, só o primeiro nome. Outras vezes, o apelido. Mas todos com letra redonda.

O canteiro virou jardim. Havia lavanda, arruda, espada-de-são-jorge, maria-sem-vergonha, manjerição, e até uma roseira. Os nomes foram se multiplicando: José, Bia, Tonho, Dona Áurea, Paulinha da mercearia, Ivone (catequista), Valter (eletricista), Teca (do círculo de oração), Joãozinho (6 anos).

Ninguém perguntava por que ele fazia isso. Mas todos passavam por ali mais devagar. E, mesmo quem não gostava de missa, parava um minuto para ver se sua flor ainda estava de pé.

Ato II – Vaso na calçada

Com o tempo, o padre percebeu que não havia mais espaço no canteiro. Algumas plantas cresciam demais e começavam a sufocar as outras. Foi então que ele teve outra ideia. Comprou cinco vasos de barro, simples, sem verniz. Escreveu o nome das pessoas no próprio barro, com lápis de carpinteiro. Depois, colocou os vasos alinhados na calçada lateral da igreja.

A novidade chamou atenção. Um menino perguntou se podia pintar o próprio vaso. O padre respondeu que sim. Uma senhora trouxe pedrinhas brancas para decorar o de sua filha. Um rapaz plantou um cacto e escreveu, bem pequeno, o nome de sua mãe que já tinha partido.

Logo, havia mais vasos que espaço. O padre organizou por quarteirões. Em frente à sacristia, ficavam os vasos do bairro Novo Horizonte. Do lado do confessionário, os da Vila São Jorge. Embaixo da janela da secretaria, os nomes das crianças da catequese.

Terça-feira era o dia da rega. Ele mesmo fazia, com balde e regador. Começava cedo, falava com cada planta como se fosse gente. Às vezes cantava. E sempre parava um minuto diante dos vasos mais ressecados.

Alguém ofereceu ajuda. Ele agradeceu, mas disse:

— Por enquanto, ainda sou eu quem lembra de cada um.

Ato III – Terra molhada

Vieram os anos. O padre foi ficando mais lento. Um dia, caiu. Quebrou o quadril. Ficou um tempo fora. Quando voltou, usava bengala e andava devagar. Mas não deixou de visitar os vasos.

Passou a regar sentado, com um banquinho de madeira que alguém fez especialmente para ele. Aos poucos, os próprios paroquianos começaram a cuidar das plantas.

Não por pena — por gratidão. Um regava três vasos, outro podava a arruda, uma senhora se ofereceu para repor a terra.

No final do ano, a comunidade fez uma surpresa. Juntaram os vasos no centro do pátio e plantaram uma muda nova, sem nome. Colocaram uma plaquinha: “Para o que cuida”. Ele não disse nada. Apenas tirou a bengala, ajoelhou com esforço, e tocou a terra com a mão aberta.

Na última missa antes de se aposentar, a igreja estava cheia. Muita gente em pé, gente que não comungava havia anos. Todos vieram por ele. No final da celebração, uma menina de vestido azul se aproximou com um vasinho pequeno. Entregou com as duas mãos. Disse:

— A senhora minha mãe não tem jardim. O senhor pode guardar por ela?

O padre pegou o vaso, olhou com carinho, e respondeu:

— Claro. Aqui, ninguém fica sem lugar.

E, naquela mesma tarde, escreveu o nome da mãe dela no barro, com a mão firme de sempre.

5. A Sopa da Terça-feira

O amor não tem hora — mas às vezes tem dia.

Vem numa panela que ferve sempre igual, num cheiro que atravessa a casa, numa toalha de mesa com marca de xícara.

Há avós que nunca dizem “eu te amo”, mas repetem a receita com precisão de oração. E é assim que continuam — mesmo depois que a cadeira já está vazia.

Ato I – O prato fundo

Dona Odila fazia sopa toda terça-feira. Sempre às cinco da tarde. Sempre a mesma panela de alumínio, o mesmo tempero, a mesma colher de pau com cabo rachado. Quem morava por perto sabia: era o cheiro que anunciava o dia.

Seu neto, Pedro, cresceu com essa rotina. Era criança inquieta, mas na terça ficava mais calmo. Chegava da escola, deixava a mochila no sofá, lavava as mãos e sentava à mesa antes mesmo de ser chamado. A avó servia o prato fundo, com a sopa fumegante. Ele soprava, reclamava do cheiro da cebola, mas comia tudo.

Ela não perguntava sobre as provas, nem sobre os colegas. Perguntava se ele tinha rezado. Ele sempre dizia que sim — mesmo quando não lembrava.

Na adolescência, ele passou a chegar mais tarde. Às vezes esquecia. Outras, aparecia de mau humor. Mas a sopa estava lá. Na

panela, na mesa ou no prato já coberto com pano de prato, esperando. E, mesmo quando não comia, ela dizia:

— Esfria, mas não perde.

Quando Pedro foi estudar fora, a sopa continuou. Terça-feira, às cinco. Odila preparava tudo como antes, mesmo sem ninguém para servir. Às vezes comia sozinha. Outras, levava um prato para a vizinha. Mas nunca deixava de fazer.

Dizia que o cheiro mantinha a casa de pé.

Ato II – A receita

Nas férias, Pedro voltava para casa. Sempre às terças. Tinha o hábito de avisar em cima da hora. Ela fingia surpresa. Mas a panela já estava no fogo.

Foi assim por anos. Mesmo depois de formado, mesmo trabalhando em outra cidade.

Uma terça sim, duas não, e ele aparecia. Ela sorria de leve, como quem diz: “Demorou, mas veio”.

Um dia, Pedro perguntou a receita. Queria tentar fazer em casa. Ela explicou com gestos, não com medidas. Um punhado de arroz, três batatas pequenas, cheiro-verde só no fim. E nada de creme — “sopa boa é sopa que assenta”.

Ele tentou fazer. Ficou parecida. Mas não era igual. Faltava o tempo certo, o ponto da cenoura, o gosto da panela velha. E o silêncio de fundo. Mandou mensagem dizendo isso. Ela respondeu com um coração.

Um ano depois, Pedro casou-se. A esposa tentou aprender a receita com Dona Odila. Mas ela já não lembrava as quantidades. Dizia:

— Eu só faço. Quem quiser aprender, tem que ficar vendo.

A moça ficou. Duas, três terças-feiras seguidas. Anotou tudo. Gravou vídeo

escondido. E, um dia, conseguiu repetir. Quase igual. Pedro comeu, sorriu e disse:

— Parece terça-feira.

Ato III – A cadeira vazia

O tempo passou e Dona Odila adoeceu. Coração fraco, passos curtos. Continuou fazendo sopa, mas em porção menor. Às vezes esquecia um ingrediente, queimava o fundo da panela, errava o sal. Pedro passou a visitá-la com mais frequência. Sempre às terças.

Na última vez, ela estava sentada à mesa, com a colher na mão. A sopa já pronta. Quando ele chegou, ela sorriu, apontou o prato e disse:

— Já está do seu jeito.

Comeram juntos. Em silêncio. E ele ficou até ela adormecer.

Uma semana depois, ela partiu. Sem dor. Sem hospital. Sentada na cadeira da varanda, com um terço no colo.

Na terça seguinte, Pedro voltou à casa. A mesa ainda tinha a toalha com marca de xícara. A panela estava no armário, limpa. Ele a pegou, lavou de novo, colocou no fogo. Fez a sopa do jeito que lembrava. Errou um pouco o ponto. Mas serviu no prato fundo. Sentou. Comeu devagar.

A esposa chegou depois, viu a cena e não disse nada. Apenas pegou uma segunda colher e sentou ao lado.

Na terça seguinte, foi ela quem começou a cortar as batatas.

6. O Lençol de Ferro

Há amores que não terminam — só mudam de gesto.

Ficam no canto da cama, na roupa bem passada, no cuidado com o travesseiro do outro.

A saudade, quando ama, não reclama. Continua fazendo — porque foi isso que aprendeu a fazer.

Ato I – A tábua de passar

Seu Anselmo levantava todos os dias às seis. Mesmo depois que ela se foi. Lavava o rosto, penteava o cabelo com água, calçava o chinelo e preparava o café — dois copos, como sempre. Um ele bebia, o outro deixava esfriar.

Depois do café, estendia o lençol sobre a tábua de passar. Era um lençol de algodão grosso, já desbotado nas pontas, mas firme. Pertencia a ela. Era o tipo de coisa que ela dizia:

— Esse eu gosto de passar com ferro quente, bem firme, até sumir o vinco.

Anselmo aprendera com o tempo. Ela ensinava com paciência: borrifava primeiro, dobra certo, desliza o ferro sem parar. Ele via, perguntava, imitava. E, quando ela adoeceu, passou a fazer por ela.

Depois que morreu, ele continuou. Toda quinta-feira, o lençol ia para a tábua. Era o mesmo, sempre. Não tinha outro igual. Ele

passava com vagar, respeitando os cantos, sem pressa. Quando terminava, dobrava com precisão e colocava de volta na gaveta dela.

Os vizinhos diziam que era mania. Outros achavam que era tristeza. Mas ele não explicava. Apenas dizia:

— Ela gostava dele lisinho.

Ato II – O ferro quente

Na cidade, as pessoas conheciam Anselmo como um homem silencioso. Cuidava do jardim da igreja, ajudava no salão paroquial, consertava ventilador, limpava o chão da sacristia. Mas não participava das conversas. Era de poucas palavras — e de gestos exatos.

Alguns notavam que ele tinha sempre uma camisa bem passada. Outros, que levava pão para um passarinho que aparecia na janela da casa. Mas o lençol — esse, ninguém via. Era dele e dela. E mais de ninguém.

Uma tarde, o ferro queimou. Antigo, resistente, mas enfim parou de esquentar. Anselmo foi até a loja do centro e pediu um igual. A moça do balcão disse que não faziam mais daquele modelo. Ele agradeceu, saiu, e voltou com o ferro para consertar.

No serviço de consertos, um rapaz tentou convencê-lo a comprar um novo. Mas ele insistiu:

— Esse ainda tem o peso certo.

No dia seguinte, voltou com o ferro funcionando. E na quinta, como sempre, estendeu o lençol, borrifou água, e começou o trabalho.

Dessa vez, no entanto, uma vizinha viu. Estava na janela, regando plantas. Viu o movimento do braço, o vapor subindo, o jeito como ele parava diante da dobra e ajeitava com a mão.

Ela não disse nada. Mas, dias depois, trouxe para ele uma fronha branca, recém-costurada. Disse:

— É simples. Mas firme.

Ele agradeceu com um sorriso pequeno, como quem entende.

Ato III – O vinco certo

O tempo passou. Anselmo ficou mais lento. A mão tremia um pouco, o joelho doía ao se curvar. Mas a quinta-feira não falhava. Mesmo nos dias de calor, mesmo com chuva, mesmo com dor de cabeça — o lençol era passado.

Um domingo, o padre falou na homilia sobre fidelidade. Disse que era mais do que presença. Era gesto que permanece. Pedro, o sacristão, olhou para Anselmo e pensou em falar. Mas se calou. Aquilo já estava dito.

No dia do aniversário dela, Anselmo tirou o lençol da gaveta mais cedo. Passou-o com mais cuidado. E, ao terminar, não dobrou.

Estendeu-o sobre a cama deles. Colocou os dois travesseiros. Um ao lado do outro.

Sentou-se, olhou. Ficou ali por longos minutos. Depois, levantou, dobrou de novo. Guardou com o mesmo cuidado.

Na quinta-feira seguinte, ele acordou mais tarde. O corpo não ajudava. Mas mesmo assim, passou o lençol.

Não porque alguém veria.

Mas porque era isso que se fazia.

E, enquanto o ferro deslizava, ela parecia estar ali — só para ver se o vinco estava certo.

7. O Caderno de Palavras

Nem todo pai sabe escrever, mas alguns aprendem a soletrar o amor com o tempo.

Vão copiando as palavras da filha, uma por uma, até decorar o jeito dela de dizer o mundo.

Porque o amor de pai, quando ama inteiro, não quer ensinar primeiro — quer aprender.

Ato I – As letras na toalha

Seu Davi trabalhava na oficina de bicicletas. Chegava em casa com a mão suja de graxa, os dedos duros de tanto apertar parafuso. Era homem quieto, de fala arrastada, que ouvia mais do que dizia. A esposa, Irene, dizia que ele era bom de escutar — e isso bastava.

A filha deles se chamava Júlia. Pequena, falante, de olhos vivos. Desde cedo gostava de palavras. Apontava as coisas com o dedo e perguntava o nome. Depois, repetia do jeito dela, até acertar.

Foi na toalha de mesa que escreveu sua primeira palavra: “gato”. Usou o dedo molhado no molho do macarrão. A mãe limpou, mas o pai ficou olhando. Deu um leve sorriso.

— Vai escrever mais que eu — disse, sem vaidade.

Na escola, Júlia aprendeu rápido. Copiava letras com esmero, gostava dos ditados, inventava nomes para os brinquedos.

Chegava em casa com os cadernos cheios de anotações, desenhava por cima das palavras, coloria tudo. Mostrava ao pai com orgulho. Ele assentia, comentava pouco, mas prestava atenção.

Uma tarde, ela perguntou:

— Pai, o senhor sabe escrever?

Ele respondeu com calma:

— Sei algumas. As outras, vou devagar.

Ela não insistiu. Mas no domingo seguinte, deixou uma folha com palavras recortadas sobre a mesa:

“Sol”, “Flor”, “Bola”, “Pai”.

Ele guardou num envelope. E começou a copiar.

Ato II – O caderno azul

Davi comprou um caderno pequeno na papelaria da esquina. Capa azul-escura, sem

desenho. Começou a escrever as palavras da filha ali. Com letra firme, mas lenta. Primeiro copiava, depois tentava escrever de memória. Usava lápis preto e apagava muito. No início, errava bastante. Mas não desistia.

Aos poucos, o caderno foi ganhando páginas preenchidas: “Casa”, “Nuvem”, “Sapato”, “Júlia”.

Ele escrevia de madrugada, antes do trabalho, ou durante o almoço, encostado no balcão da oficina. Não contava para ninguém. Mas andava com o caderno no bolso de dentro da camisa, dobrado ao meio.

Um dia, a professora chamou a mãe na escola. Disse que Júlia andava levando papel com palavras no recreio. Dizia que queria “ensinar para o pai”. A mãe sorriu. Disse que estava tudo bem.

Naquele mês, Davi escreveu mais do que nunca. Acrescentou frases simples, trechos de oração, nomes de flores que não sabia. Pediu ajuda para ler as embalagens do supermercado. E, certo dia, escreveu uma carta curta:

“Filha, seu pai vai aprendendo. Obrigado por me ensinar.”

Dobrou a carta, colou num envelope e guardou dentro do caderno. Não entregou. Só deixou ali.

Ato III – Palavra guardada

No aniversário de sete anos de Júlia, ela pediu uma coisa só: um livro de histórias com espaço para desenhar. Davi foi com a mãe até a livraria. Escolheu um com capa vermelha e folhas grossas. Quando entregou, disse:

— Aqui você escreve. E eu desenho por cima.

Ela achou graça. Topou.

Na primeira página, escreveu:

“Era uma vez um pai que aprendia as palavras da filha.”

Ele leu em silêncio. Guardou. E, naquela noite, escreveu a mesma frase no caderno azul. Depois, fez um desenho de dois pares de pés andando lado a lado.

O tempo passou. Júlia cresceu. Começou a escrever poemas curtos. Davi continuava com o caderno. Agora já usava caneta. A letra melhorou, ganhou firmeza, até um certo estilo.

Quando ela entrou no ensino médio, precisou fazer um trabalho sobre o que significava “transmitir conhecimento”. Foi até o quarto do pai, bateu de leve na porta e perguntou:

— Posso mostrar o seu caderno na escola?

Ele pensou por um instante. Depois, entregou com as duas mãos. Disse:

— Pode. Mas devolve.

Ela leu tudo. Em voz baixa, respeitando o silêncio das páginas. Ao final, olhou para ele e disse:

— Pai, o senhor já sabe tudo.

Ele sorriu.

Mas naquela noite, acrescentou mais uma palavra:
“Orgulho”.

E fez questão de copiá-la três vezes — só para não esquecer o traço do “r”.

8. O Sapato Molhado

O amor conjugal, na velhice, se revela no cuidado silencioso, em secar o sapato do outro sem que ele perceba.

Não há promessas, nem bilhetes, só o cuidado repetido, o revezar de gestos, o silêncio de quem já sabe o que o outro precisa.

Amar assim é simples — mas dá trabalho.

E é por isso que dura.

Ato I – Chinelo no corredor

Dona Lúcia e seu Armando moravam na mesma casa havia quarenta e oito anos. A sala era pequena, a cozinha sempre cheirava a café requentado, e o banheiro ainda tinha ladrilho marrom. Toda tarde, ela varria o quintal; ele cuidava das plantas nos vasos.

Era assim desde sempre.

Não discutiam mais — pelo menos, não com palavras. Quando ele esquecia a toalha molhada na cadeira, ela colocava dobrada sobre a cama. Quando ela deixava a porta do armário aberta, ele passava e fechava sem dizer nada. E quando o café estava fraco, ele bebia mesmo assim. E ela sabia.

No inverno, a área de serviço ficava molhada. O telhado tinha um goteiro que ele prometia consertar há dez anos. Mas nunca consertava. Ela reclamava só uma vez por semana — às segundas.

Certo dia, ele entrou com o sapato encharcado. Atrapalhado, deixou marcas até o corredor. Ela enxugou com pano de chão. Não brigou. Só tirou os sapatos dele e colocou perto do tanque. Encheu o jornal, enfiou dentro, e deixou ao lado do fogão.

— Molhou o pé? — perguntou.

— Só um pouco — ele respondeu.

Na manhã seguinte, os sapatos estavam secos. E ele calçou sem perceber que tinham sido cuidados. Mas, no dia seguinte, foi ela quem pisou na poça.

Ato II – O revezamento

Lúcia começou a deixar um paninho dobrado perto da porta. Armando não entendeu de início. Depois percebeu: era para os sapatos. Começou a usá-lo. E quando ela esquecia de pôr, ele mesmo buscava.

As solas secas viraram parte da rotina. Não comentavam, mas notavam. Quando um dos dois atrasava a entrada, o outro ia ver se o pano já estava no lugar.

Um domingo chuvoso, ela cochilava na sala e ele percebeu que os sapatos dela estavam úmidos. Pegou o jornal, encheu com cuidado, colocou dentro, e pousou perto do fogão. Quando ela acordou e viu, não disse nada. Mas sorriu.

Depois, passou a usar um sapato mais fácil de secar.

Na semana seguinte, ele limpou o goteiro do telhado. Não resolveu tudo, mas melhorou.

Ela fez broa de fubá e disse:

— Está menos gotejando.

Ele respondeu:

— É o tempo.

Mas os dois sabiam.

Ato III – O par ao lado

Veio o tempo das bengalas. Primeiro ela, depois ele. Um ajudava o outro a calçar o sapato, com calma, sentados no mesmo banco de madeira. Ela colocava meias grossas nele. Ele apertava o velcro do tênis dela.

Quando um saía, o outro ficava esperando. Sempre perto da porta, para abrir sem demora.

Um neto pequeno veio visitá-los. Viu os dois pares de sapato lado a lado, com jornal dentro. Perguntou por quê. Lúcia respondeu:

— Para estarem prontos quando a gente quiser sair.

O menino assentiu. E no outro dia, apareceu com seu tênis molhado.

Armando cuidou deles também.

Na última sexta-feira de setembro, caiu uma chuva fina. O quintal ficou escorregadio. Nenhum dos dois saiu. Mas os sapatos estavam lá, perto do fogão, com jornal e tudo. Prontos.

Porque o amor, ali, já tinha aprendido a chegar antes da chuva.

9. A Rede no Muro

Entre vizinhas antigas, o amor não precisa de presente nem visita marcada. Precisa só de tempo — e um muro baixo entre as casas.

Uma rede armada no meio, uma conversa pendurada no ar, e o costume de balançar juntas, mesmo quando o corpo já não sobe.

É amizade que não se desfaz. Só se ajeita com o vento.

Ato I – O gancho torto

Dona Inês morava na casa da esquerda. Dona Marta, na da direita. O muro entre elas era baixo, de tijolo aparente, com reboco rústico. Desses que deixam marcas nas mãos. Tinham construído quase ao mesmo tempo, quando ficaram viúvas.

O quintal de uma dava para o da outra. A janela da cozinha também. Quando uma lavava a louça, a outra sabia. Quando batia um bolo, o cheiro passava.

Um dia, Dona Inês pendurou uma rede de descanso no fundo do quintal. Era vermelha, com franjas. Não era nova, mas era firme. Amarrou de um lado na goiabeira e do outro... no muro. Um gancho velho que já estava lá.

Dona Marta olhou da janela, com meia xícara de café na mão, e disse:

— Isso aí não aguenta.

Inês respondeu:

— Aguenta sim. Já me segurou mais gorda.

Naquela tarde, balançou sozinha. Mas, no dia seguinte, Marta apareceu do lado de lá com um banquinho. Subiu, encostou-se no muro e perguntou:

— Dá pra dividir?

Ato II – Muro baixo

Passaram a revezar a rede. Uma usava de manhã, outra de tarde. Às vezes, só esticavam os pés. Às vezes, ficavam as duas sentadas de um lado, conversando baixo, tomando chá na caneca plástica.

Conversavam sobre novela, receita, médico, dor nas costas, filhos que não telefonam, neto que cresceu demais. Riam muito. Quase sempre das mesmas coisas.

Um dia, Marta trouxe uma almofada nova. Deixou na rede. Inês colocou uma flor num vasilho de garrafa PET e amarrou no gancho. Outra vizinha viu e perguntou se podia se balançar também. Elas disseram que não era clube — mas se quisesse trazer café, podia ficar um pouco.

Choveu forte numa noite. O muro cedeu um pouco. O gancho ficou torto. No dia seguinte, Marta trouxe um novo. E as duas prenderam juntas, com parafuso e martelo. Riram porque erraram a altura. Fizeram de novo.

Um neto de Inês fez uma plaquinha e escreveu com tinta guache:

“Rede das Tias”.

Elas deixaram pendurada, meio torta mesmo.

Ato III – Balanço devagar

O tempo foi passando. As duas já andavam mais devagar. Mas continuavam com o hábito. A rede permanecia no lugar. Com dias de sol, elas ficavam ali até o fim da tarde, trocando palavras curtas, descansando o peso do corpo.

Quando uma adoecia, a outra armava a rede sozinha. Só pra manter o costume.

Um sábado, Marta sentou-se mais cedo. Inês chegou com um bolo pequeno, enrolado no guardanapo. Dividiram ali mesmo, sem prato. O bolo esfarelava. O riso também.

— Já pensou se a gente cair? — perguntou Inês.

— Já. Mas o chão é nosso — respondeu Marta.

Na semana do aniversário das duas — nasceram com quatro dias de diferença — não fizeram festa. Mas penduraram luzinhas no

muro. Um neto ajudou. O outro trouxe pão de queijo.

Na última cena de novela que assistiram juntas, a protagonista se despediu com uma carta.

Marta comentou:

— Melhor seria com uma rede.

Inês respondeu:

— Ou com silêncio.

E ficaram ali.

Balançando devagar.

Porque amizade boa é assim: balança — mas não cai.

10. A Costura do Casaco

Entre irmãos, o amor às vezes se disfarça. Vira implicância, silêncio, teimosia.

Mas em certos momentos, aparece no ponto de costura, no botão reposto, na dobra ajeitada sem ninguém ver.

Amor entre gêmeos não precisa de muito: só de um casaco que volte inteiro, mesmo quando saiu rasgado.

Ato I – O furo na manga

Lucas e Luan eram gêmeos.

Não se vestiam igual, não gostavam das mesmas coisas, mas sempre diziam que o melhor de ser dois era poder dividir o que funcionava.

Dividiam a cama até os sete, depois dividiram o beliche, depois dividiram o guarda-roupa. Mas o que mais usavam, em silêncio, era o casaco.

O casaco azul-marinho havia pertencido ao tio Ademar. Era largo, tinha capuz e forro de flanela xadrez. Com o tempo, virou “o casaco de sair”, depois “o casaco da escola”. Um usava de manhã, o outro à tarde. Quando chovia, estendiam no varal e avisavam: “Não molha o meu turno.”

Não havia disputa — só revezamento. Com regras simples:

Quem usou, guarda.

Quem rasgar, costura.

Sempre deixar um bilhete no bolso.

O bilhete era regra inventada. Começou com uma piada, virou costume. Frases curtas, rabiscadas num pedaço de caderno: “A prova foi difícil”, “Comi três coxinhas”, “Levei bronca da professora”. Às vezes, só uma palavra: “Força.” “Valeu.” “Desculpa.”

Uma tarde, Luan caiu da bicicleta. Rasgou a manga direita. Voltou suado, disse que estava tudo bem, dobrou o casaco e guardou. Lucas encontrou o rasgo na hora de vestir. Passou a mão. Respirou fundo. Depois, foi até a caixa de costura da mãe.

A costura saiu torta, mas firme. Usou linha preta, meio desbotada.

No bilhete, escreveu:

“Não tem problema. Agora tá com ponto nosso.”

Ato II – O ponto nosso

A mãe ofereceu comprar outro casaco. Eles disseram não. Disseram juntos.

— Esse é nosso.

Ela não insistiu.

Com o tempo, o casaco ganhou novos remendos: a barra puída que Lucas reforçou com linha vermelha; o zíper que Luan trocou por um botão de pressão; o bolso que os dois esqueceram aberto e a mãe costurou de volta com ponto invisível.

Ficou torto. Mas inteiro.

No recreio, alguns colegas zombavam. Um deles perguntou se o casaco não tinha vergonha. Luan respondeu:

— Casaco não tem vergonha, tem história.

E Lucas completou:

— Esse aqui é irmão da gente.

Quando a escola mudou o uniforme, proibiram casaco colorido. Lucas escreveu um bilhete indignado, deixou no bolso:

“Vão querer trocar a nossa história por poliéster cinza?”

Luan riu. No dia seguinte, colocou o casaco na mochila e o vestiu só na saída.

Na formatura do ensino médio, usaram terno emprestado. Mas, na volta, vestiram o casaco. Um de cada lado. Caminharam até em casa rindo, ombro encostado, como quando eram pequenos. Era quente demais pra usar, mas ninguém ligou.

Ato III – Costura que volta

Foram morar em cidades diferentes. Lucas fez curso técnico, Luan tentou faculdade.

Cada um com suas roupas, suas gavetas, seus casacos. Mas aquele, o azul, ficou guardado.

Numa visita, anos depois, Lucas abriu a caixa de lembranças. Encontrou o casaco. Estava limpo, mas com o botão frouxo. Sorriu. Pegou agulha, linha e ajeitou.

Deixou no sofá, à espera do irmão.

Luan chegou no dia seguinte. Viu o casaco ali, tocou o tecido, reconheceu o cheiro. Vestiu, mesmo apertado nos ombros.

Lucas comentou:

— Encolheu?

Luan respondeu:

— A gente que cresceu.

Na manhã seguinte, saíram para comprar pão. Lucas de camiseta, Luan de casaco. O padeiro comentou:

— Esse aí já tem estrada.

Luan respondeu:

— E costura que aguenta.

Mais tarde, ao guardar de novo o casaco, Lucas encontrou um bilhete novo no bolso:

“Cabe em nós até hoje.”

E pela primeira vez, os dois costuraram juntos — só para reforçar o botão da saudade.

11. A Janela do Ônibus

Tem gente que passa por nós só uma vez. E tem gente que senta ao lado por anos — sem nome, sem pergunta, só com um gesto repetido.

Abrir a janela. Guardar o lugar. Segurar a sacola. Tudo sem pedir, sem explicar.

É que o amor, às vezes, se manifesta entre estranhos. E dura o tempo de um trajeto inteiro.

Ato I – O mesmo assento

Ela pegava o ônibus das 6h20. Sempre o mesmo. Sempre na mesma parada, três quadras depois da feira. Era uma moça discreta, roupa simples, mochila pequena, olhar atento. Sentava no segundo banco do lado esquerdo — aquele perto da janela.

Ele também pegava o mesmo ônibus. Era mais velho, cabelos grisalhos, olhar calmo. Carregava uma sacola de pano com pão, jornal e um remédio. Subia duas paradas depois.

No início, os dois apenas se cruzavam. Mas, um dia, ela notou que ele procurava sempre o mesmo lugar. E ela já estava sentada ali.

Na terceira semana, quando o ônibus parou, ela levantou antes e cedeu o assento da janela. Ele sentou, agradeceu com um gesto. Ela ficou no lugar ao lado. E a janela foi aberta. Meio palmo só — o suficiente para o ar entrar sem incomodar.

No dia seguinte, repetiu o gesto. E no outro também. Sem que ninguém combinasse nada.

Ato II – Meio palmo de ar

O ônibus fazia um trajeto longo, atravessava bairros, avenidas, passava em frente ao hospital e à biblioteca municipal. O percurso durava trinta e cinco minutos. E, durante esses minutos, havia uma espécie de pacto mudo: ela sentava primeiro, mas deixava a janela. Ele chegava, assentia com a cabeça, sentava e abria meio palmo.

Certa manhã, chovia. O vidro estava embaçado. Ela limpou com a manga do casaco antes que ele subisse. Ele agradeceu com um sorriso breve.

Outro dia, ele deixou cair a sacola. A laranja rolou até o corredor. Ela pegou, devolveu sem falar.

Na parada seguinte, ele tirou um pacote de biscoitos da sacola e colocou entre eles.

— Pode pegar — disse.

Ela aceitou.

Não trocaram nomes. Mas passaram a notar as ausências.

Um dia ele não apareceu.

Ela guardou o lugar.

No dia seguinte, ele voltou. Disse apenas:

— Foi consulta.

E ela assentiu.

Outro dia, foi ela quem faltou.

Ele segurou a janela fechada.

Quando ela voltou, ele só disse:

— Tudo certo?

E ela respondeu:

— Agora está.

Ato III – O trajeto completo

O tempo foi passando. As estações mudavam. A luz da manhã batia diferente na janela. O vidro embaçava menos. A moça trocou de mochila. O senhor passou a usar bengala. Mas continuavam ali — lado a lado — cada um no seu meio banco, no seu meio silêncio.

Na última semana de setembro, ela subiu com um envelope na mão. Parecia nervosa. Ele notou, mas não perguntou. No fim do trajeto, ela tirou o envelope da bolsa e disse:

— É uma carta de recomendação. Entreguei hoje.

Ele respondeu:

— Vai dar certo.

E voltou a olhar pela janela.

Dois dias depois, ela subiu com os olhos marejados.

— Me chamaram. Vou para outra cidade.

Ele sorriu, disse:

— Então essa janela vai sentir sua falta.

Ela respondeu:

— E eu também.

Na última vez, sentaram como sempre. Ninguém falou muito. Quando a parada final se aproximou, ela tirou da bolsa um lenço limpo e passou no vidro, devagar. Depois, deixou o lenço no colo dele.

Desceu.

Sem aceno.

Mas com leveza.

Ele guardou o lenço no bolso da
camisa.

E, no dia seguinte, abriu meio palmo da
janela — como de costume.

12. O Círculo do Pão

Há gestos que ninguém vê.

Alguém deixa um pão na porta — e não espera agradecimento.

Não pergunta quem pegou, não tira foto, não escreve bilhete.

Só repete o gesto.

Porque amar, às vezes, é pôr comida na roda e deixar que ela gire.

Ato I – A cesta na varanda

Na Vila São Miguel, todo mundo conhecia todo mundo. Era uma rua só, calçamento irregular, casas baixas, portões baixos também. A vida ali era feita de pequenos favores: segurar a escada do vizinho, dividir a antena de TV, emprestar sal e devolver com um pedaço de bolo.

Foi numa segunda-feira que apareceu a primeira cesta. Ficou na mureta da Dona Nair, sem bilhete, só com um pano por cima. Dentro, três pães grandes, ainda quentes. Nair pensou que alguém tinha esquecido. Mas quando levantou o pano, sentiu o cheiro — e entendeu: era entrega.

Não tocou nos pães. Levou a cesta inteira para a igreja, para dividir com quem precisasse. No outro dia, havia outra. Mesma cesta, mesmo pano. Desta vez, deixou ali.

A vizinha de frente, Dona Marli, pegou um pão, levou para casa e deixou um doce no lugar.

No terceiro dia, a cesta veio cheia de novo. E assim continuou.

Sem nome.

Sem explicação.

Só o gesto.

Ato II – A roda cresce

Logo, a cesta mudou de lugar. Apareceu na casa do Seu Edivaldo. Depois, na esquina da padaria fechada. Um dia na varanda da Teca, outro na garagem do casal de professores. Nunca no mesmo lugar duas vezes seguidas. Mas sempre com pão dentro.

Ninguém sabia quem fazia. Mas todos começaram a respeitar o trajeto.

Quem precisava, pegava.

Quem podia, deixava algo no lugar:
bolacha, fruta, um saquinho de farinha.

Crianças começaram a chamar de “o
círculo do pão”.

Fizeram até mapa: um desenho simples
com casas e setas.

O círculo crescia.

No mês da festa do padroeiro, alguém
colocou flores na cesta.

Outro colocou uma vela acesa.

A cesta virou símbolo.

Mas continuava simples.

E cheia.

Ato III – O segredo compartilhado

No inverno, a cesta ficou mais pesada: vieram cobertores, garrafas térmicas, mensagens curtas escritas em pedaço de papel.

“Se precisar de algo, pode bater.”

“Jesus também partiu o pão.”

“Estamos juntos.”

Certa noite, choveu forte. A cesta não apareceu.

Na manhã seguinte, encontraram-na na igreja — seca, coberta, com pão fresco e um bilhete:

“Nem a chuva atrapalha quem tem fome.”

Alguns começaram a desconfiar de quem era. Mas ninguém dizia.

Porque o gesto era maior que o nome.

Na véspera do Natal, a cesta foi colocada na praça. Ao lado, uma mesa simples, com café, leite e pão para quem quisesse. Não houve anúncio. Mas a praça ficou cheia.

Dona Nair, a primeira a encontrar a cesta, olhou em volta e disse:

— O pão é o mesmo. Só cresceu o forno.

E, na manhã seguinte, a cesta estava de novo na calçada — como se nada tivesse acontecido.

13. A Terceira Xícara

Alguns casais não rezam alto — mas deixam uma xícara a mais na mesa.

Guardam lugar para o invisível, partilham o pão com fé, e aprendem a viver como quem convida Deus para o café da manhã.

Amar com Cristo no meio é nunca estar só — mesmo quando a casa silencia.

Ato I – Mesa para três

João e Helena casaram-se simples. Cerimônia na igreja da vila, bolo de fubá com coco, fogos discretos e bênção do padre Cláudio. Não tinham muito, mas tinham mesa, cadeira, fogão de duas bocas e uma chaleira amassada que apitava forte.

Desde o começo, a rotina era clara: café coado no pano, pão dormido aquecido na chapa, duas xícaras de louça branca sobre a mesa. Mas, no segundo mês de casados, Helena colocou uma terceira xícara.

João perguntou, em tom leve:

— Esperando visita?

Ela respondeu:

— É para Ele.

— Ele quem?

— Jesus.

João sorriu. Não achou estranho. Só puxou a cadeira e sentou.

E a xícara ficou ali.

Ato II – O centro da mesa

Não era sempre que lembravam. Mas, nos dias bons, a terceira xícara estava posta antes mesmo do café coar.

Nos dias ruins também.

Às vezes, Helena só passava o pano na cadeira e ajeitava a toalha.

João trocava a xícara rachada por outra limpa.

Ninguém dizia muito.

Mas os dois sabiam.

Quando discutiam — por causa do gás, da conta, do cansaço — ela calava e, mais tarde, colocava a xícara de volta na mesa.

João entendia.

Sentavam-se. Repartiam o silêncio.

Domingos, às vezes, convidavam alguém para café. Um irmão, uma vizinha, um colega da igreja. Sempre havia três xícaras. A pessoa notava e perguntava. Helena respondia, com simplicidade:

— A terceira é d’Ele.

Poucos entendiam.

Mas todos sentiam.

Ato III – Lugar ocupado

O tempo passou. O café passou a ser descafeinado. O pão, mais mole. As mãos, mais

lentas. Mas a xícara, sempre no mesmo lugar: entre os dois.

João começou a esquecer nomes. Helena esquecia horários.

Mas a mesa era lembrada.

Uma manhã, ele não acordou. Foi sereno, como quem termina a leitura de um salmo e repousa.

Helena chorou pouco. Fez como sempre: passou o pano, aqueceu o pão, colocou duas xícaras.

Dias depois, voltou a usar três.

A vizinha estranhou.

Helena explicou, com voz firme:

— Agora são os dois com Ele.

E, toda manhã, punha o café no centro da mesa.

Duas cadeiras, três xícaras.

O mesmo gesto.

A mesma fé.

Porque quem aprende a amar com
Cristo nunca se sente sozinha.

14. O Fio da Tomada

Cuidar é ver antes que o outro tropece.
É dobrar o fio, puxar a cadeira, fechar o zíper.

Amar, quando é paciente, vira
antecipação.

Não espera o acidente. Não precisa ser
chamado. Só vê — e age.

Assim é o amor de quem cuida.

Não aparece na foto, mas impede a
queda.

Ato I – Tapete enrolado

Dona Celina era cuidadora. Dava plantão em casa de família, sempre com senhor idoso. Já tinha trabalhado em cinco casas, mas era na do Seu Afonso que se sentia em paz. Ele não falava muito. Andava devagar, com os ombros caídos, o cabelo branco penteado para trás. Era viúvo fazia dez anos. E morava sozinho.

Celina chegava cedo, sempre com café em garrafa plástica e pão de leite. Colocava as meias dele para lavar, esquentava a água do banho, passava um pano na varanda e preparava a medicação com calma. Mas foi no fio da tomada que começou a notar mais.

Um dia, ele tropeçou levemente ao atravessar a sala. Não chegou a cair, mas desequilibrou. Era o fio da extensão, que saía do rádio e passava pelo chão até a parede. Celina não comentou. Só puxou o fio devagar, passou por trás da estante, enrolou em espiral e prendeu com um pedaço de fita.

No outro dia, ele atravessou tranquilo.

Ato II – Um gesto por dia

Depois disso, ela começou a ver outras coisas:

- a quina da mesa que ele sempre batia o braço,
- a torneira da pia que espirrava para o lado errado,
- a almofada da cadeira que afundava demais.

Ela foi ajeitando tudo — sem aviso, sem alarde.

Comprou fita antiderrapante e colou nos degraus. Fez uma barra nova na cortina que arrastava no chão. Colocou uma campainha com luz para os dias em que o ouvido falhava.

Seu Afonso percebia. Mas não comentava.

Até que, um dia, disse:

— A casa ficou mais fácil.

E ela respondeu:

— O senhor também.

Ele sorriu.

E, no dia seguinte, varreu a varanda antes dela chegar.

Ato III – O fio que não se vê

Veio o inverno. A casa ficou mais silenciosa. Celina trouxe um aquecedor pequeno e instalou no canto do quarto. Cuidou para que o fio não ficasse no caminho. Também trouxe um rádio novo. Mais leve. Menos fio.

Aos domingos, ela aparecia mesmo sem plantão. Levava um bolo, passava a roupa, replantava a samambaia. Dizia que era só para conferir se o fio estava no lugar. Ele entendia.

Na última sexta-feira de julho, ele caiu. Foi leve, mas assustou. Ela chegou rápido, ajudou a levantar, sentou ao lado e passou a mão nas costas dele com calma.

— Desculpe — ele disse.

— Não tem desculpa. Tem cuidado — ela respondeu.

Desde então, passou a dormir em um colchonete no quarto ao lado.

Sem aumento. Sem contrato novo. Por presença.

Num sábado de sol, ele a chamou na varanda. Apontou para a tomada da parede. Disse:

— Troquei. Agora é embutida.

Ela riu.

— Tá ficando perigoso de esperto.

E, naquela noite, foi ele quem enrolou o fio do aquecedor antes de dormir.

15. O Lampião da Varanda

Tem gente que ajuda só acendendo uma luz. Sem perguntar, sem invadir, só clareando o caminho do outro.

Amar, às vezes, é ver que a janela do vizinho está acesa e decidir não apagar o mundo inteiro.

Ato I – A luz de trás

Mário era adolescente. Vivia escutando música alta, subia no muro com facilidade, e gostava de ficar na varanda da casa da avó, onde morava desde os doze anos. A avó dizia que ele era inquieto, mas bom de coração.

— Só precisa de direção — ela repetia.

No começo do outono, notou que a luz da casa dos fundos acendia toda noite às sete. Era uma luz amarelada, que vinha de um abajur torto. A janela ficava entreaberta, com cortina branca.

De onde estava, Mário via uma mesa, livros empilhados, caderno aberto. E uma menina — que ele não conhecia — sempre lendo ou escrevendo.

Não achou que fosse da escola.

Ela parecia mais velha.

Mas concentrada.

Uma noite, faltou luz no quarteirão.
Tudo apagado.

Mas o quarto da menina continuou
aceso.

Lampião.

Luz pequena, mas firme.

Ato II – Um acendedor sem nome

No dia seguinte, Mário procurou um
lâmpião igual. Achou na loja do bairro.
Perguntou como funcionava, se podia pôr na
varanda. O vendedor explicou.

Comprou com o dinheiro que tinha
guardado para um tênis.

Instalou no canto da varanda.

Ligava toda noite, no mesmo horário
que via a janela da menina acender.

Não sabia se ela via.

Mas queria que, do lado de lá, houvesse luz.

No sábado, choveu. Ele cobriu o lampião com plástico.

No domingo, o vento apagou a chama.

Na segunda, colocou pedra no fundo.

Virou engenheiro da luz.

Um dia, ela saiu na varanda.

Olhou para a frente, esticou o pescoço, pareceu procurar alguma coisa.

Ele estava ali, quieto, com o lampião aceso.

Ela viu.

Sorriu.

Voltou para dentro.

Ele não soube o nome dela.

Mas, toda vez que sua luz acendia, ele acendia a dele.

Ato III – A janela que responde

No mês da prova final, ela passou a estudar até tarde. A luz do quarto ficava acesa por horas. Às vezes, tremia no final, como se fosse vela.

Mário começou a deixar o lampião aceso até a última página dela.

Ficava sentado na varanda, com a cabeça encostada na parede, sem fazer barulho. Só vigiando a luz.

Numa sexta-feira, a avó perguntou:

— Você conhece essa menina?

— Não.

— Então por que esse cuidado todo?

— Porque ela não apagou.

A avó entendeu.

No último dia de prova, ela pendurou um papel na janela. Escrito à mão, com letra firme: “Obrigada pela luz.”

Ele não respondeu.

Mas, naquela noite, acendeu o lampião mais cedo.

E ficou ali, como sempre.

E, mesmo quando ela não acendia mais, ele deixava a luz pronta — só por se lembrar do que ela estudava.

16. O Santo do Azulejo

Tem casa com imagem rachada no muro. Tem santo que ninguém repinta. Tem fé que vai ficando no tempo.

Mas, de vez em quando, alguém para diante da rachadura, sopra a poeira, limpa com pano, e decide restaurar o que consola os outros.

Isso também é amar: consertar o que nunca foi seu — mas que faz falta.

Ato I – A rachadura

Na rua Padre Bento, havia um muro branco, descascado, com uma imagem antiga de Santo Antônio pintada sobre azulejo. Era simples: traço firme, túnica marrom, menino Jesus no colo. Sem moldura. Só a imagem, e ao lado, uma prateleira com flores de plástico.

Ninguém sabia quem pintou. Diziam que já estava ali antes da rua ter asfalto. E mesmo com o tempo, as pessoas passavam, faziam o sinal da cruz, encostavam a mão, deixavam uma flor.

Nas manhãs de quinta, uma senhora de vestido azul deixava um botão de rosa. Sempre sem nome.

Às sextas, uma jovem de bicicleta encostava e rezava baixinho.

E aos domingos, um homem alto parava com o boné na mão, olhava em silêncio e seguia.

Ninguém morava naquele muro.

Mas todo mundo o reconhecia.

Até o dia da chuva forte.

O muro rachou, os azulejos quebraram,
e a imagem de Santo Antônio ficou torta.

O menino Jesus perdeu o rosto.

Ninguém tocou.

Ninguém limpou.

Por dias, ficou assim.

Ato II – A repintura

Jonas era pintor de parede. Tinha oficina pequena, pincéis bem cuidados e fê discreta. Passava por aquele muro desde garoto. Sempre fez o sinal da cruz ali. Nunca contou para ninguém.

Ao ver a rachadura, parou. Olhou com calma. Tocou de leve. Foi embora.

No domingo seguinte, voltou com um pano, uma escada e uma caixa pequena.

Começou limpando. Depois, raspou os cantos soltos, colou os cacos.

Levou três manhãs para refazer o traço.

Mais uma para pintar.

Não tentou fazer igual.

Fez do jeito que sabia.

Com respeito.

Não avisou ninguém.

Mas no sábado, a imagem estava lá: firme, repintada, com olhos serenos e túnica nova.

No colo, o menino Jesus com rosto pequeno — e um leve sorriso.

Ato III – O santo de novo

As pessoas notaram.

Voltaram a parar.

A senhora de azul trouxe duas rosas.

A moça da bicicleta chorou de leve.

O homem alto deixou um bilhete dobrado, preso com fita: “Obrigado por devolver o lugar onde a gente pede.”

Jonas leu. Guardou.

Na segunda, pintou uma borda simples ao redor da imagem. Só para dizer: está completo.

Numa manhã de calor, um menino parou com o avô. Apontou para a imagem e perguntou:

— Ele escuta mesmo?

O avô respondeu:

— Se a gente fala com fé, escuta sim.

E o menino perguntou:

— Quem pintou ele de novo?

O avô respondeu:

— Alguém que também acredita.

Jonas ouviu de longe. Não disse nada. Mas naquele dia, deixou uma vela branca no chão. Acendeu e foi embora.

Porque às vezes, amar é restaurar o consolo dos outros — e seguir em silêncio.

17. A Cama de Campanha

Tem casais que não ficam no mesmo lugar — mas dormem na mesma promessa.

Armam e desarmam, chegam e partem, seguem juntos com fé, mesmo quando a mala pesa e o corpo cansa.

Amar em missão é isso: levar a mesma cama, a mesma cruz, o mesmo descanso — para onde Deus mandar.

Ato I – Primeira parada

Marta e Elias se conheceram num retiro de jovens missionários. Ele montava as tendas. Ela servia o café. No segundo dia, foram escalados para organizar os colchões da casa paroquial. Entre uma dobra e outra, começaram a conversar. No quarto dia, ele ofereceu o travesseiro. No quinto, ela trouxe um cobertor extra. No sexto, oraram juntos. No sétimo, sabiam.

Casaram-se um ano depois. Na mochila de casamento, só o necessário: Bíblia, panela pequena, roupas leves e uma cama de campanha, daquelas dobráveis com lona firme e estrutura de metal. Foi presente de um casal mais velho da comunidade.

— Levem isso. Vocês vão precisar.

E precisaram.

A primeira missão foi no interior da Bahia. Chegaram num povoado com energia intermitente, uma igrejinha sem porta e

crianças dormindo no chão da escola. Armaram a cama num canto da sacristia. Dormiram ouvindo galos e sapos. Pela manhã, fizeram café e montaram um pequeno altar.

Era assim que começava.

Ato II – Caminho com lona

Nos anos seguintes, passaram por sete estados, vinte e duas cidades, dezenas de casas, galpões, escolas e até carrocerias de caminhão. Em cada lugar, montavam a cama. No mesmo canto. Sempre do lado direito ela, do lado esquerdo ele.

Desarmavam ao amanhecer.

Guardavam as mesmas peças.

A lona já tinha cheiro de lavanda e poeira de estrada.

Uma vez, a cama quebrou no meio da noite. Fizeram remendo com arame e fita

adesiva. Outra vez, esqueceram uma das hastes na paróquia anterior. Dormiram no chão. Riram muito. E entenderam que a cama era só símbolo. O descanso era outro.

Durante o dia, atendiam famílias, montavam catequese, cuidavam de idosos, levavam comunhão a quem não podia sair. À noite, voltavam para a cama. Sempre juntos.

Em certa missão no sertão, Marta ficou doente. Febre alta, desidratação. Elias armou a cama só para ela. Dormiu ao lado, sentado numa cadeira.

Ela acordou no terceiro dia e disse:

— Essa cama é lugar de bênção.

Ele respondeu:

— É o nosso altar.

Ato III – Descanso montado

Com o tempo, os dois cansaram mais rápido. As dores vieram, a coluna reclamava. Pensaram em parar. Mas ainda sentiam que não era hora.

A cama continuava firme.

No penúltimo envio, foram para uma vila litorânea. Receberam um quartinho de madeira ao lado da capela. Ventava à noite.

Marta esticou a lona com mais lentidão. Elias encaixou os ferros com cuidado. Quando terminaram, ela olhou para ele e disse:

— Vai ser a última?

Ele não respondeu. Só puxou a manta sobre a cama. E sorriu.

No domingo seguinte, a vila organizou uma missa de gratidão. Muitos trouxeram flores, bilhetes, velas. Uma criança entregou uma miniatura de cama feita de palitos de picolé.

— Pra vocês levarem quando não puderem mais carregar a grande.

Marta chorou pela primeira vez em muitos anos.

Na volta para casa, dobraram a cama com lentidão. Guardaram no porta-malas.

Chegando, colocaram-na num canto do quarto. Não para usar. Mas para lembrar.

E, de vez em quando, ainda a armavam — só para se lembrar que o descanso também foi missão.

18. O Lado da Colcha

Tem gente que, depois da partida,
continua deixando lugar na cama.

Arruma o travesseiro, estica a colcha,
evita o vinco do lado de lá.

Não é mania, nem luto. É presença
vívida.

Amar até depois é isso: repetir o gesto,
respeitar o espaço, e confiar que o amor
não morre — só muda de lugar.

Ato I – O vinco da ausência

Seu Álvaro morava sozinho desde que Lourdes partiu. Trinta e oito anos de casamento. Quarto com janela alta, lençol florido, duas almofadas. A colcha era de retalhos, feita por ela: quadrados de tecidos antigos, cada um com uma história. Tinha pedaço do vestido do casamento da filha, do pano de prato da mãe, de uma camisa que ele usava no domingo.

Depois da missa de sétimo dia, Álvaro voltou para casa. A cama estava feita, com a colcha esticada. Mas o lado dela parecia desabitado. Ele não mexeu. Deitou no seu canto, como sempre.

E, no dia seguinte, ao arrumar a cama, alisou com cuidado o lado dela.

Foi assim no primeiro mês.

Depois, virou costume.

Ato II – O lado dela

Ele não dormia atravessado. Não ocupava o espaço. Não empurrava travesseiro.

Lavava a colcha a cada quinze dias. Estendia ao sol. Passava ferro.

E, sempre que dobrava a borda, alisava primeiro o lado dela.

Às vezes, conversava com o travesseiro.

Outras vezes, só ficava em silêncio.

O neto pequeno veio visitá-lo certa tarde. Subiu na cama e deitou do lado vazio.

— Aqui é o lado da vovó?

— Era.

— Pode deitar?

— Pode. Mas com respeito.

O menino entendeu.

E, ao levantar, alisou com a palma da mão, imitando o avô.

Uma vizinha sugeriu que ele mudasse a disposição do quarto.

— Assim o senhor recomeça.

Ele respondeu:

— Não estou recomeçando. Estou continuando.

Ato III – A dobra intacta

Nas noites frias, ele colocava a manta extra do lado dela. Mesmo sem corpo.

No Natal, deixou uma flor sobre o travesseiro.

No aniversário de casamento, acendeu uma vela pequena e colocou ao lado da cabeceira.

O padre da comunidade comentou, certa vez:

— Álvaro, o senhor tem fé firme.

Ele respondeu:

— Tenho companhia.

— Mas a dona Lourdes já partiu.

— Só de corpo.

Nos últimos meses, andava mais devagar. Mas continuava com o gesto: levantar, dobrar a colcha, esticar as pontas, alisar com a mão aberta o canto dela.

Certa manhã, a filha veio visitá-lo e encontrou a cama feita, como sempre.

Mas com um bilhete sobre o lado dela.

Escrito à mão, com caligrafia trêmula:

“Não deixei de amar. Só continuei.”

E, naquela noite, ao deitar, alisou a dobra mais uma vez — como quem agradece o lugar que o amor deixou.

19. A Receita do Riso

Tem casa que ri alto. Não porque tudo está certo, mas porque o amor sabe fazer graça com o que tem.

Amar assim é dividir o fogão, errar o fermento, comer o bolo solado rindo de boca cheia.

O riso também é gesto — e, às vezes, é o que segura a casa em pé.

Ato I – O fermento errado

Selma e Tonico se casaram com quase nada.

Ela trouxe três panelas, uma bacia e um forno herdado da tia.

Ele chegou com um rádio e uma fome de viver.

No primeiro sábado da nova casa, decidiram fazer um bolo de fubá. Ela leu a receita de cabeça, ele mexia a massa com colher de pau. Riam do próprio improviso.

Quando tiraram do forno, o centro estava cru.

Comeram assim mesmo.

— Tá bom de gosto, só faltou assar — riu Tonico.

— Amanhã a gente termina de assar — disse Selma, limpando a bancada.

E ali nasceu o jeito deles: rir primeiro,
corrigir depois.

Na semana seguinte, esqueceram o
açúcar.

Na outra, derrubaram no chão.

Na quarta tentativa, o bolo saiu inteiro,
dourado, cheiroso.

Festejaram com refrigerante morno.

Desde então, bolo virou liturgia
semanal.

Nunca repetido.

Nunca exato.

Só alegre.

Ato II – A cozinha com placa

Quando completaram cinco anos de casados, montaram uma cozinha comunitária na garagem. Aos sábados, recebiam vizinhos para aprender a fazer bolo. Mas ninguém saía só com receita — saía com gargalhada.

Uma criança chorou certa vez porque o bolo ficou torto.

Tonico se abaixou, olhou nos olhos dela e disse:

— Bolo bom é o que faz cócega na barriga.

Ela riu. E comeu tudo.

Na semana seguinte, Selma pendurou uma plaquinha:

“Cozinha do Riso — aqui até o fermento sorri.”

Vieram vizinhos. Depois, gente do bairro ao lado.

Um programa de rádio comentou.

A prefeitura quis conhecer.

Selma respondeu:

— Pode vir. Mas tem que tirar o sapato e a cara feia.

Ficou combinado: ninguém entrava sério.

Ato III – Receita sem papel

Um dia, choveu forte. A goteira da varanda caiu sobre o caderno de receitas. As páginas grudaram, a tinta escorreu.

Tonico achou que ela fosse chorar.

Mas Selma folheou devagar, sorriu e disse:

— Agora a gente pode inventar tudo de novo.

— Sem nem saber o que tinha antes?

— Com mais leveza ainda.

Naquela noite, criaram o primeiro bolo sem receita.

Chamaram de “bolo do acaso”.

Ficou ótimo.

Quem comia, inventava o nome do sabor.

Rir era obrigatório.

No aniversário de 20 anos de casamento, fizeram um bolo de três andares. Em cada andar, uma palavra escrita com cobertura:

"Paciência"

"Cru por dentro"

"Tudo certo no fim"

Selma discursou:

— Nosso segredo foi rir até das coisas que não tinham graça.

Tonico completou:

— Porque a graça veio depois.

E naquela noite, Selma escreveu a nova receita no azulejo da parede: “Misture dois corações com farinha de paz.”

20. O Dia em que a Rua Jogou Bola

Tem alegria que começa com uma bola murcha. Uma criança, uma calçada, um grito meio tímido.

E de repente, o bairro inteiro reaprende a brincar.

Amizade, às vezes, não precisa de conversa — só de um passe certo, um chinelo como trave, e alguém que diga: “valendo”.

Ato I – O passe sem querer

Era um domingo quente quando Júlio desceu com a bola. O pai estava cochilando, a mãe vendo novela, e ele só queria chutar no muro. A bola estava meio murcha, mas dava pro gasto.

Na segunda batida, ela escapou e foi parar perto do portão da Dona Geni. Júlio foi buscar, sem fazer barulho. Mas antes que chegasse, ouviu:

— Essa bola ainda quica?

Era o Sr. Raimundo, do número 23.

— Mais ou menos — respondeu o menino.

— Então chuta aqui. Vamos ver.

E ali começou o jogo mais improvável da vila. Um senhor de 72 anos e um menino de 9 trocando passes de bola no asfalto quente.

Cinco minutos depois, apareceu o filho da Dona Sílvia. Depois, o padeiro. Depois, a filha da dona Geni com uma garrafa d'água. Em meia hora, tinha oito pessoas no meio da rua — de bermuda, chinelo e riso fácil.

Alguém gritou:

— Dois contra dois!

E alguém respondeu:

— Valendo!

Ato II – Chinelo é trave

No segundo domingo, já tinham levado cones, coletes improvisados com camisetas velhas, e até apito. Um adolescente do quarteirão de cima trouxe uma bola de verdade. Júlio foi nomeado “capitão mirim”.

O Sr. Raimundo virou juiz (de mentirinha).

As traves? Dois chinelos de cada lado.

Regras? Ninguém pode chutar forte demais. Gols de bico não valem. Quem cair, ganha aplauso.

As senhoras da rua começaram a trazer garrafa d'água com limão, panos pra secar o suor, e guarda-sóis de varanda.

Uma tia levou uma caixa de som: tocava samba enquanto o jogo rolava.

No fim de cada tempo, tinha abraço e pipoca.

Ninguém sabia direito quem organizava.

Mas todo mundo aparecia.

Júlio virou símbolo da brincadeira.

Não por jogar bem — mas por ter chutado a bola no portão certo.

Ato III – Grito de gol

No terceiro mês seguido de partidas dominicais, a rua já se preparava sozinha. Moradores levavam cadeiras. As crianças desenhavam o campo com giz. Os mais velhos ficavam nas calçadas torcendo — por todos.

Um dia, a bola entrou pelo portão do Sr. Jorge, que nunca saía de casa. Todos pararam. Achavam que ele devolveria com bronca.

Mas ele apareceu sorrindo, devolveu com um passe de três dedos e disse:

— Se tiver vaga, eu topo.

E jogou.

Ficou sem fôlego, mas jogou.

No mês seguinte, o jornal do bairro publicou uma foto:

“A Rua que Voltou a Sorrir.”

Na imagem: quatro gerações, uma bola, muitos sorrisos.

E ao fundo, a placa da rua com giz colorido:

"Campo da Amizade — entrada livre."

E, desde então, todo domingo, alguém grita do portão: "Vai ter jogo?" — e alguém responde: "Sempre."

Posfácio

Terminar um livro como este é como apagar a luz da casa depois de uma longa visita. Tudo permanece no lugar, mas em silêncio. Não há aplausos. Não há despedida em voz alta. Apenas a presença do que foi partilhado — e o cuidado de fechar bem a porta.

Se você chegou até aqui, não como leitor curioso, mas como alguém que se deixou tocar por um gesto, então já entendeu: o que importa não é o que foi dito, mas o que foi vivido. Estas histórias não pedem interpretações. Pedem continuidade.

Talvez você já tenha sido o que ofereceu a sopa, costurou o casaco, acendeu o lampião. Talvez você ainda esteja esperando o pão na cesta. Seja qual for o lugar que você ocupou na leitura, ele também é um lugar de descanso — porque o amor, quando é verdadeiro, sempre tem espaço para mais um.

Levo daqui a certeza de que o gesto encarnado não termina na última página. Ele continua onde você estiver. No que você faz, no que você guarda, no que você oferece — sem precisar dizer.

Nota Biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi*TM, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *O Legado* (2013), *Clown* (2014), *Cartas para Ninguém* (2017), *Cinza de Bronze* (2020), *Silêncio Alto* (2024) e *Antes que Derrubem* (2025). Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

Colofão

Este livro foi composto em EB Garamond, projeto tipográfico de Georg Duffner (2008), herdeiro direto das formas renascentistas talhadas por Claude Garamont (c.1480-1561), em Paris. Sua elegância perdura: um traço de tempo que se deixa reler. Cada letra, como um corpo antigo, guarda o rumor das prensas manuais — e ao ser tocada pela luz digital, reacende o gesto humano que a criou. Assim como o amor que percorre estas páginas, esta fonte sustenta os gestos mínimos que habitam nas entrelinhas do mundo.

O projeto gráfico, a preparação textual e a organização final foram conduzidos com atenção ao silêncio, ao gesto, ao compasso da respiração.

Agradeço ao leitor que caminhou até aqui.

Tudo foi feito para que cada página pudesse, no tempo certo, tornar-se lugar de descanso.

